

OTTO MARIA [KARPFEN] CARPEAUX¹

(Viena, Áustria, 1900; Rio de Janeiro, Brasil, 1978)



Otto Maria Karpfen, s. l., 1939.
Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

1 Pesquisa e texto de Carol Colfffield, pesquisadora Arqshoah e bolsista do Projeto Vozes do Holocausto coordenado pela Profa. Dra. Maria Luiza Tucci Carneiro. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes, FFLCH-Universidade de S. Paulo/Arqshoah-Leer-USP, 2017. Tradutora dos textos em alemão, inglês, francês e espanhol aqui citados.

Os primeiros anos de Otto Karpfen em Viena

No dia 9 de março de 1900, o advogado vienense Max Karpfen e a esposa Gisela davam as boas-vindas ao filho Otto. No mesmo ano desse nascimento, na mesma Viena, Sigmund Freud (1853-1939) publicava pela primeira vez seu livro *A interpretação dos sonhos* ao tempo que a cidade abraçava um grupo de 19 artistas liderados por Gustav Klimt que, apenas três anos antes (1897), havia sido responsável por uma profunda ruptura nas artes plásticas: o grupo Secessão. Nas letras, os cafés abrigavam os debates de poetas, escritores e autores teatrais, dentre os quais podemos citar Hugo von Hofmannsthal (1874-1929), Peter Altenberg (1858-1919) e Arthur Schnitzler (1862-1931) cujo trabalho foi altamente apreciado pelo próprio Freud. Esse círculo, do qual participaram vários outros nomes das letras vienenses – como Stefan Zweig, que futuramente buscaria refúgio no Brasil –, era conhecido coletivamente como *Jung-Vien* (Jovem Viena).



Viena, cidade natal de Otto Maria Karpfen.
Google Maps.

Dentre os opositores a esses grupos, havia também diversos nomes de destaque como o escritor Karl Kraus (1874-1936) que, em 1899, fundou um periódico *Die Fackel*, no qual denunciava a decadência da sociedade vienense, o freudianismo, os artistas do Secessão e os intelectuais do *Jung-Vien*. Suas ideias atraíram homens como o artista plástico Oskar Kokoschka (1886-1980), o revolucionário compositor Arnold Schönberg (1874-1951) e o arquiteto Adolf

Otto Maria (Karpfen) Carpeaux

Loos (1870-1933). Um dos principais alvos das críticas de Kraus eram os judeus vienenses. Embora ele mesmo fosse de origem judaica, opunha-se ao que denominava “gosto judeu” nas artes – representado principalmente, segundo ele, pelos artistas do Secessão –, assim como aos patronos das artes, dos quais a maioria, naquela Viena da virada do século, era de origem judaica, oriunda de famílias que haviam construído suas fortunas com a industrialização do país. Karl Kraus faria também comentários ácidos às ideias de outro personagem da Viena de 1900, vinculado não às artes, mas à política: Theodor Herzl (1860-1904), fundador do Sionismo. Nascido em Budapeste, Herzl mudara-se anos antes para Viena onde estudou direito na mesma universidade em que Otto Karpfen iria formar-se 25 anos mais tarde.



A Universidade de Viena em 1900.
Fotógrafo não identificado.
Acervo: European Center of Austrian Economic Foundation.

Pouco se sabe a respeito das primeiras duas décadas e meia da vida de Otto Karpfen, ou seja, como foi sua infância, que escolas frequentou, sua vida familiar, sua relação com o judaísmo. Ao longo da vida, ele modificaria algumas vezes o próprio nome: após sua conversão ao catolicismo, acrescentou um segundo nome passando a chamar-se Otto Maria Karpfen; nas letras usaria Otto Maria Fidelis ou o pseudônimo Leopold Wiessinger. Otto Maria Carpeaux foi o nome que adotou ao radicar-se no Brasil e com o qual foi conhecido até o fim da vida.

Os primeiros registros encontrados remetem ao momento em que obteve seu título de doutor em Química pela Universidade de Viena, em 9 de junho de 1925,^A também são relacionados a essa época os poucos comentários em primeira pessoa sobre sua vida acadêmica que evocam o fato de que, embora nunca tenha exercido uma profissão nessas áreas, seus estudos ensinaram-lhe “algo de método e precisão de pensar, o que é vantajoso no mundo um pouco vago das letras”.^B Posteriormente, o jovem Karpfen iria dedicar-se aos estudos de filosofia, história e sociologia ao tempo que, entre 1927 e 1929, trabalhou em Berlim redigindo roteiros para o cinema mudo. Porém, sempre considerou que seu trabalho era a literatura: “o jornalismo que vivi naqueles anos, só foi meio de vida, embora às vezes sobrepondo-se às outras atividades”.



Otto Maria [Karpfen] Carpeaux.
Viena, s. d.

Fotógrafo desconhecido.
Reprodução fotográfica: Mauro
Souza Ventura.

Acervo: Universidade de Viena.
Disponível em: <www.agencia.fapesp.br/carpeaux_antes_de_carpeaux/24223/>.

Acesso em: 31 jul. 2017.

A- Título da tese de Otto Karpfen: *Über die Hypophysensäure, ein neues Triaminomonophosphorsulfadit aus Menschenhirn*, in: *Gedenkbuch für die Opfer des Nationalsozialismus an der Universität Wien 1938* (Livro Memorial para as Vítimas do Nacional-socialismo da Universidade de Viena, 1938). Disponível em: <http://gedenkbuch.univie.ac.at/index.php?id=435&no_cache=1&no_cache=1&person_single_id=40309&person_name=&person_geburtstag_tag=not_selected&perso%E2%80%A6>. Acesso em: 29 jul. 2017. Também de sua autoria: *A cinza do purgatório*. Ensaios. Camboriú: Livraria Danúbio Editora, 2015; *E quindi uscimmo a riveder le stelle* [Saímos por ali para rever as estrelas] é o último verso do último canto do “Inferno” em *La commedia [A divina comédia]* de Dante Alighieri (Canto XXXIV, 134); *Caminhos para Roma: aventura, queda e vitória do espírito*. Tradução Bruno Mori. Campinas: Vide Editorial, 2014; A religião da raça. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 12 abr. 1942, disponível em: <www.memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_05&pasta=ano%20194&pesq=Carpeaux>.

Sobre outras obras de autoria de Otto, com sobrenomes diferentes, ver: FIDELIS, Otto Maria. *Österreichs europäische Sendung. Ein ausenpolitischer Überblick*. Viena: Reinhold Verlag, 1935. Sobre Carpeaux: KOIFMAN, Fábio. Cidadão carioca: a naturalização de Otto Maria Carpeaux. *Intellectus*, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 2, p. 169-188, 2015. Disponível em: <www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/view/20986>. Acesso em: 20 abr. 2017.

B- Essa entrevista, segundo consta no texto, foi a primeira concedida por Carpeaux no Brasil ao jornalista Homero Senna e publicada na *Revista do Globo*, n. 483, de 28. 5.1949. A entrevista foi respondida em formato de questionário escrito, organizado por Senna, que, em sua apresentação ao diálogo, afirma “Carpeaux não sabe improvisar”. Embora o jornalista lamente a perda de espontaneidade da entrevista, reconhece que ela também “ganha muito em precisão e autenticidade”. Disponível em: <www.tirodeletra.com.br/entrevistas/OttoMaria-Carpeaux.htm>. Acesso em: 15 abr. 2017. Ver entrevista publicada na revista *José*, n. 1, jun. 1976, conduzida pelos jornalistas

Otto Maria (Karpfen) Carpeaux

Foi ainda no final dos anos 1920 que Karpfen conheceu Helene Silberherz, nascida na cidade de Ottynia, região de Galícia – então pertencente à Áustria – com quem se casou em Viena em 1930. Foi logo após o casamento que Otto e Helene abandonaram o judaísmo de suas famílias de origem para converterem-se ao catolicismo. Nessa época, houve a primeira mudança de nome: Otto Karpfen passou a chamar-se Otto Maria Karpfen.

Sebastião Uchoa Leite e Luiz Costa Lima.
Disponível em: <<http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/OtoMariaCarpeaux.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2017.



Helene [Silberherz] Karpfen, s. l., 1939.
Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

Karpfen e a resistência austríaca

Os primeiros anos da década de 1930 foram de extrema complexidade na história da Áustria. A chegada do nazismo ao poder na Alemanha em 1933 pôs à prova a vulnerabilidade do pequeno país, o que ficaria confirmado em 1938 com a anexação íntegra de seu território à Alemanha, evento conhecido como *Anschluss*. Durante todo esse período de convulsão, por meio de seus artigos em diversos jornais e de sua participação em grupos de resistência intelectual, Karpfen tornou-se um influente pensador católico. Em 1934, publicou seu livro *Wege nach Rom: Abenteuer, Sturz und Sieg des Geistes* (Caminhos para Roma: aventura, queda e vitória do espírito) em que afirmava seu compromisso com o catolicismo que utilizou como prisma para sua análise das artes, da política, da economia:

Tempos tão maus como os que estamos tendo de perfazer, parece não terem sido conhecidos outrora. A miséria geral deixa a impressão tanto mais irritante quanto parece não estar fundada em insuficiências da natureza, mas apenas na organização deficiente das forças humanas. (CARPEAUX, 2014)^A

Em 1935, publicou mais um livro, dessa vez voltado a questões políticas: *Österreichs europäische Sendung. Ein aussenpolitischer Überblick* (A missão europeia da Áustria. Uma visão geral de política externa), sob o pseudônimo Otto Maria Fidelis. Nesse livro, Karpfen estabelece as bases do que teria sido historicamente o papel da Áustria como

A- Com o intuito de aproximá-la do público brasileiro, essa versão do livro de Karpfen foi publicada sob o sobrenome Carpeaux. Devemos lembrar, porém, que a versão original em alemão foi publicada em 1934 sob o nome Otto Maria Karpfen. O fragmento citado pode ser localizado na Edição Kindle, capítulo 7 (A cidade nas nuvens / 1. Tempos maus).

protetora das pequenas nações da Europa Central e da Oriental, assim como do cristianismo e da cultura barroca católica:

A nova missão da Áustria é a de ser uma ponte entre o mundo latino representado pela Itália, que tem direito ao império do Mar Mediterrâneo, e o mundo eslavo, que guarda o legado de uma cultura nacional rural-patriótica no solo continental do Sudeste, como sempre tem sido na região europeia do Danúbio (FIDELIS, 1935, p. 67).

Como o próprio Carpeaux expressaria posteriormente, em sua entrevista de 1949, a tese do livro baseava-se na “necessidade europeia de independência austríaca, força de equilíbrio da Europa”, defendida

[...] não como *slogan*, mas com argumentos históricos, sociológicos, culturais. A necessidade de independência austríaca, então desprezada pelos “realistas” que não deram importância a país tão pequeno, revelou-se logo depois: a anexação da Áustria pela Alemanha, em março de 1938, fechou o círculo em torno da Tchecoslováquia, o que produziu [o acordo de] Munique, o que separou o Ocidente da Polônia, o que isolou no continente a França etc., etc. A luta pela independência austríaca, de 1934 a 1938, retardou durante quatro anos a agressão geral à Europa.

Durante esses anos, com Hitler às portas de seu país, Karpfen exercia não somente suas atividades de escritor e jornalista, principalmente para o periódico católico vienense *Der Christliche Ständestaat*, como também esteve intensamente envolvido nas lutas políticas de seu tempo e lugar. Nesse sentido, vale destacar em particular sua participação nos círculos de pensadores que, dado o crescente avanço do racismo no ideário da Igreja Católica nos anos 1930, reuniram-se fundamentalmente para formular respostas ao antissemitismo racista que rapidamente se instalava na instituição religiosa. A linha de pensamento que se buscava combater tinha como cerne o questionamento da possibilidade de que o poder do batismo fosse capaz de “desfazer” os supostos “males” que seriam “intrínsecos” ao caráter judaico, tese que aproximava os protagonistas dessa ala particular da Igreja dos detentores das teorias racistas propagadas pelo nazismo. Os círculos de intelectuais frequentados por Otto Maria Karpfen estavam reunidos fundamentalmente em torno do padre Johannes

Vozes do Holocausto

Oesterreicher (1904-1993) e do filósofo e teólogo Dietrich von Hildebrand (1889-1977) – o primeiro de origem judaica, o segundo protestante, ambos convertidos ao catolicismo – os quais, décadas mais tarde, sentariam as bases para o que em 1965, portanto três décadas mais tarde, inauguraria uma nova era nas relações judaico-cristãs, traduzida no seminal documento *Nostra Aetate*.^A



Exemplares do periódico *Der Christliche Ständestaat*.

Em destaque (elipse), artigo de Otto Maria Karpfen, “Italien und das neue Österreich” [“Itália e a Nova Áustria”].

Disponível em: <www.erlesenes.org>. Acesso em: 20 abr. 2017.

Em 12 de março de 1938, porém, a resistência austríaca representada por diversos grupos não mais pôde fazer frente ao projeto expansionista de Hitler. Nesse dia, as tropas alemãs invadiram a Áustria, e, no dia 13, o território do país foi incorporado à Alemanha, evento conhecido historicamente

A- Creditamos essas informações ao importante estudo do Prof. John Connolly da Universidade da Califórnia, em Berkeley, principalmente por meio de dois de seus textos: *Catholic Racism and Its Opponents. The Journal of Modern History*, v. 70, p. 813-847, Dec. 2007; *From Enemy to Brother. The Revolution in Catholic Teaching on the Jews*. Cambridge: Harvard University Press, 2012. As ideias discutidas nos círculos liderados por Oesterreicher e Hildebrand eram publicadas pelos intelectuais que deles faziam parte, principalmente em dois periódicos: *Die Erfüllung* – de Oesterreicher – e *Der Christliche Ständestaat* – fundado pelo próprio Hildebrand – para o qual Otto Karpfen escrevia regularmente. Os artigos não eram escritos somente por intelectuais católicos ou conversos, mas também por judeus, como o jornalista Joseph Roth ou o psiquiatra Viktor Frankl. Isso fez do jornal um dinâmico foro de discussão. Com a anexação da Áustria, a maior parte de seus colaboradores buscou refúgio em diversos países – inclusive Oesterreicher e Hildebrand. Outros foram vítimas das perseguições nazistas dos anos seguintes, como o próprio Viktor Frankl, que foi capturado e deportado para Auschwitz, tendo, no entanto, sobrevivido. O monsenhor John Oesterreicher seria um dos relatores do terceiro manuscrito elaborado em 1964 sobre a questão judaica no âmbito do Concílio Vaticano II e que resultou, em 1965, no documento *Nostra Aetate*.

como *Anschluss*. Como resultado, 190 mil judeus austríacos passaram ao jugo nazista. As perseguições foram imediatas, flagrantes e brutais.

De Viena para a Antuérpia

Nos dias prévios à anexação da Áustria pela Alemanha, Karpfen estava em negociações para engajar-se como jornalista no *Neue Freie Press* – o mais importante jornal vienense. Essas negociações, porém, não se concretizariam. Otto Karpfen, o intelectual resistente de origem judaica – conforme definido pelas leis raciais de Nuremberg, que desconsideravam afiliações religiosas –, passou a ser imediatamente perseguido. No dia 17 de março, após permanecer escondido por quatro dias enquanto era procurado pela *Gestapo*, Otto Karpfen deixou a Áustria pela fronteira com a Itália rumo à Bélgica, passando pela Suíça: “Fugi de Viena com uma pequena mala de mão e sem um tostão. Perdi pátria, casa, móveis e vários milhares de livros”.^A

Seu prestígio como intelectual na Áustria lhe valeu rapidamente uma posição como colaborador do periódico católico *Gazet van Antwerpen*. Em julho do mesmo ano, publicou em holandês, sob o pseudônimo Leopold Wiesinger, uma história da primeira república austríaca, intitulado *Van Habsburg tot Hitler* (De Habsbourg a Hitler, 1938). À medida que os meses passavam, porém, a situação na Europa tornava-se insustentável para todos os cidadãos de origem judaica. A invasão da Tchecoslováquia em março de 1939 era mais uma prova de que Hitler de fato pretendia levar a

A- Entrevista a Homero Dantas, 1949, citada anteriormente. Sobre sua biblioteca, nessa mesma entrevista, Carpeaux relata como alguns desses livros acabaram chegando até ele: “Esteve em Viena, nesse tempo, um professor universitário americano, amigo meu; este foi à *Gestapo* declarando que me havia emprestado vários livros; e tão grande era ainda o prestígio de ‘cidadão americano’ que lhe permitiram, sem provas, escolher uns duzentos volumes que ele me mandou para a Bélgica, e que eu vendi depois em S. Paulo, por necessidade”.

cabo seus planos de uma Grande Alemanha. Otto Karpfen e a esposa decidiram, então, deixar o continente.



Van Habsburg tot Hitler, de Leopold Wiesinger (pseudônimo de Otto Karpfen). Antuérpia, Orbis, 1938, 182 p., 22 cm.
Disponível em: <www.catawiki.nl>.
Acesso em: 21 abr. 2017.

Ruptura: o Brasil como opção

Devido à sua condição de católico – embora classificado como não ariano –, Karpfen, por intermediação de instituições pertencentes à Igreja, conseguiu ser incluído em uma quota negociada entre o Vaticano e o governo brasileiro que permitia a concessão de três mil vistos aos chamados “católicos israelitas” ou “católicos de origem semita”.^A

A- Esse fenômeno foi analisado pela primeira vez na historiografia brasileira por Maria Luiza Tucci Carneiro em seus livros *O anti-semitismo na Era Vargas. Fantasmas de uma geração, 1930-1945*. 3. ed. S. Paulo: Perspectiva, 2001, p. 172-185; e *Cidadão do mundo: o Brasil diante do Holocausto e dos judeus refugiados do nazifascismo*. S. Paulo: Perspectiva, 2010, p. 179-165. Sobre esse tema, ver também: MILGRAM, Avraham. *Os judeus do Vaticano: a tentativa de salvação de católicos não arianos da Alemanha ao Brasil através do Vaticano (1939-1942)*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. Esse livro traz a lista completa dos católicos não arianos salvos pela missão diplomática sediada no Vaticano.



Anotação no passaporte de Otto Karpfen informa que o portador “faz parte do contingente de 3.000 israelitas católicos autorizados a emigrar para o Brasil. O Cônsul Geral: (assinatura de Octaviano Machado)”. O visto foi concedido em Antuérpia, em 25.7.1939. Processo de naturalização de Otto Maria Karpfen, 1942.

Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arsquoah/Leer-USP.

Segundo a ficha de imigração que se encontra no acervo do Arquivo Nacional, Otto e Helene Karpfen desembarcaram no Rio de Janeiro em 10 de setembro de 1939 trazidos da Europa no navio Copacabana. Dez dias antes, no dia 1º – portanto quando os Karpfen ainda estavam em meio ao Oceano Atlântico –, Hitler invadia a Polônia desencadeando, com toda força, um dos períodos mais trágicos da história da humanidade.



Navio MS Copacabana da Companhia Marítima Belga.
Disponível em: <www.simplonpc.co.uk/2CoBelge.html>.
Acesso em: 19 abr. 2017.

Nova pátria, novo nome, nova carreira

Depois de sua chegada ao Rio de Janeiro, o casal Karpfen passou um tempo em S. Paulo, até retornar à capital fluminense em 1941. Otto Maria Karpfen passava então a chamar-se Otto Maria Carpeaux. Foi quando, segundo ele mesmo, começou sua verdadeira vida. Alguns autores consideram que essa nova mudança de nome tinha como finalidade sintonizar-se com o ambiente “afrancesado” da intelectualidade brasileira. O próprio Carpeaux, no entanto, afirmava que era somente uma forma mais simples de pronunciar seu sobrenome original. Cabe destacar que, nesse reinício de vida no Brasil, Otto Carpeaux contou com o apoio fundamental de alguns amigos que conheciam sua reputação como intelectual, entre eles Álvaro Lins que, no *Correio da Manhã* de 19 de abril de 1941, anunciava a chegada ao jornal de “Um Novo Companheiro”, antecipando o primeiro artigo de Carpeaux a ser publicado naquele veículo de comunicação; para Lins, a contribuição deste ao jornal constituía “um acontecimento de excepcional significação”. Carpeaux abraçou, a partir de então e definitivamente, a carreira de crítico literário; a complexidade e abrangência de sua formação e de seu intelecto, porém, não permitem reduzi-lo a uma única categoria.

O tema do primeiro artigo de Carpeaux para o *Correio da Manhã*, publicado em 20 de abril de 1941, não seria, porém, baseado em um autor literário e sim em um historiador:

Otto Maria (Karpfen) Carpeaux

Jacob Burckhardt (1818-1897), intelectual que apresentou o Renascimento ao público do século XIX, um apaixonado pela Itália que, no entanto, detectou, nesse período da história, as sombras da modernidade; daí o perfil profético que Carpeaux lhe atribuíra.



O primeiro artigo de Otto Marie [Maria] Carpeaux publicado no *Correio da Manhã*.
Rio de Janeiro, 20.4.1941.

Acervo: Biblioteca Nacional Digital.

Disponível em: <www.bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

Acesso em: 24 abr. 2017.

Os primeiros artigos de Carpeaux para o *Correio da Manhã* foram escritos em francês, mas logo a língua portuguesa passaria a fazer parte – com maestria – do repertório desse homem que dominava por volta de uma dezena de línguas, incluindo algumas mortas. Segundo ele mesmo contou em entrevista concedida a Homero Dantas, em 1949, anteriormente o primeiro livro que leu em português foi *Páginas recolhidas*, de Machado de Assis, cujo capítulo “O velho Senado” era para Carpeaux – ao menos até 1949 – “a maior página que li em língua portuguesa”. O domínio do português adquiriu-o por meio de muita leitura, somado à sua forte base de latim e, como ele mesmo admitia, “aos conselhos de Aurélio Buarque de Holanda”.

Ode a uma nova vida

Em 1942, apenas três anos depois de sua partida da Europa, Carpeaux brindava o público brasileiro com seu livro *A cinza do purgatório*, coletânea de ensaios publicados no

Vozes do Holocausto

Correio da Manhã entre 1941 e 1942, exceto “Literatura belga”, publicado na *Revista do Brasil* em dezembro de 1941, segundo consta em nota à primeira edição. Dedicado aos seus amigos brasileiros, o primeiro parágrafo do prefácio que Carpeaux escreveu para esse livro é uma espécie de ode à sua nova vida:

As vozes proféticas do passado ensinam-nos a interpretar a nossa situação; interpretação que equivale a um julgamento do mundo e de nós mesmos, a um exame de consciência. É só a luz interior que pode iluminar o caminho pelas trevas, para conferir um sentido moral ao purgatório dos nossos dias, para acender, na cinza do que foi, a vacilante luz duma nova esperança. Era o meu caminho também: ainda sinto na boca o travo amargo da cinza do purgatório; já devo agradecer a aurora duma vida nova. E quindi uscimmo a riveder le stelle (CARPEAUX, 2015).

Já os agradecimentos incluídos no prefácio desse seu primeiro livro no Brasil mostram a riqueza do círculo de amizades que, em pouquíssimo tempo no país, Carpeaux havia conseguido reunir. Entre eles, grandes nomes das letras brasileiras como José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Vinicius de Moraes. Foi esse extenso grupo de amigos que, por volta da mesma época em que Carpeaux publicava *A cinza do purgatório*, formou um importante núcleo que pressionou o próprio presidente Getúlio Vargas para que intercedesse na concessão da cidadania brasileira ao intelectual austríaco, uma vez que Carpeaux ainda não cumpria o requisito de permanência mínima de dez anos como residente no país para dar início ao processo de naturalização.^A No entanto, uma cláusula

A- Koifman lista, em seu ensaio, os 38 nomes incluídos no referido abaixo-assinado que consta dos autos do processo de naturalização de Carpeaux (Processo nº 10.345/42), e que incluímos aqui: Octavio Tarquínio de Souza, Heloisa Alberto Torres, Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, Edmundo da Luz Pinto, José Lins do Rego, Orris Soares, Graciliano Ramos, Roberto Alvim Corrêa, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Odorico Tavares, Francisco de Assis Barbosa, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Augusto Frederico Schmidt, Levi Carneiro, Afonso Arinos de Melo Franco, Cleuza [ilegível] Carvalho, Lúcia Miguel Pereira, Miguel Osório de Almeida, Cecília Meireles, Nelson Romeiro, Dinah Silveira de Queiroz, Américo Facó, Adalgisa Nery, Vinicius de Moraes, Luís Jardim, Jayme Ovalle, Annibal Monteiro Machado, Astrogildo Pereira, José Honório Rodrigues, Peregrino Júnior, Lourival Fontes, Antenor Nascentes, Gastão Cruls, Austregésilo de Athayde, Sérgio Buarque de Hollanda, [ilegível] Rodrigues e Álvaro Lins. Ver KOIFMAN, Fábio, op. cit., 2015.

na legislação brasileira permitia seu enquadramento por “capacidade científica, artística ou profissional”. Como bem demonstra Fábio Koifman (2015) em seu ensaio sobre a análise da história do processo de naturalização de Carpeaux, o abaixo-assinado enviado em 7 de outubro de 1942 ao ministro da Justiça Marcondes Filho é “o registro que melhor documentou o alcance dessa recepção [de Carpeaux] pela intelectualidade carioca”. A naturalização foi finalmente oficializada e assinada pelo próprio Vargas em 18 de dezembro de 1944 e publicada no *Diário Oficial* dois dias depois.

Círculos de amizades e polêmicas

No Brasil, o espírito de Otto Carpeaux resultaria, no entanto, não somente em amizades, mas também em polêmicas e disputas que tiveram como um de seus pontos altos o ano de 1943, em torno de um obituário escrito por ele sobre o escritor francês Romain Rolland – venerado pela *intelligentsia* brasileira – que foi considerado pouco respeitoso até mesmo pelos amigos do jornalista. O caso suscitou duras críticas publicadas por renomados intelectuais em jornais e revistas, muitas das quais revelaram velhos ressentimentos contra as posições políticas e religiosas de Carpeaux e que iriam estender-se por várias décadas.^A Contudo, malgrado as desavenças, a importância de Carpeaux no meio cultural brasileiro continuou sendo crescente por meio não somente de seus artigos, mas também de seus livros. Em 1945 produziu uma obra monumental, referência até hoje, e que seria não somente a obra preferida de Carpeaux, mas também a de várias gerações de seus admiradores: *História da literatura*

A- Uma das mais notáveis inimizades de Carpeaux no meio brasileiro, resultantes do “caso Rolland”, foi a do escritor Jorge Amado. Conforme noticiou o jornal *O Globo* do Rio de Janeiro em 10 de outubro de 1959, portanto, 15 anos depois do episódio, Amado e Carpeaux um dia antes, após almoço na sede do *Correio da Manhã* em homenagem ao escritor português Ferreira de Castro, foram “às vias de fato”. Carpeaux, que já era diretor do jornal à época, sentiu-se indignado pelo fato de Jorge Amado não o ter cumprimentado ao chegar ao local. Outras críticas, essas ainda mais recentes e inclusive posteriores à morte de Carpeaux, mostravam um forte viés antissemita, conforme está registrado no prefácio ao livro *Cobras e lagartos*, de Guilherme Figueiredo, publicado em 1984: “Em meus ataques a certos escritores há a propositada indignação [...] ao encantamento da vigarice intelectual de Otto Maria Carpeaux, judeu tornado católico, católico tornado fascista impossibilitado de ser ariano” (apud PFERSMANN, Andreas. Otto Maria Carpeaux, Romain Rolland et le modèle français. Une controverse politico-littéraire dans le Brésil des années 1940. *Remate de Males*, Campinas, v. 34, n. 1, p. 221-234, jan./jun. 2014).

occidental, “quatro mil páginas datilografadas” que somente seriam publicadas entre 1959 e 1966 (*O Cruzeiro*) e dedicadas a Aurélio Buarque de Holanda; além desse livro, viriam outros: *Origens e fins* (Casa do Estudante do Brasil, 1943), *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira* (Ministério da Educação e Saúde, 1951) e *A literatura alemã* (Cultrix, 1964).

Mas a força intelectual de Carpeaux que, além da literatura, abrangia a política e a filosofia estendia-se também ao âmbito da música. Profundo conhecedor das vertentes clássicas do tema, publicou, em 1958, *Uma nova história da música* (Zahar). De qualquer maneira, foi por meio da literatura, que considerava “a expressão máxima da vida espiritual de uma nação”, o *lieu géométrique*, a *via regia*, que Carpeaux moldou o meio em que viveu na segunda metade de sua vida. Sobre isso expressava:

Acho que um intelectual recebido num país estrangeiro não tem o direito de aproveitar-se desta hospitalidade sem o dever, dever muito rigoroso, de interessar-se profundamente pela literatura desse país, até as últimas possibilidades de compreensão (CARPEAUX, 1943, p. 458).

Em 1949, ao ser perguntado, em entrevista a Homero Dantas, se esperava voltar à Europa, Carpeaux respondeu:

Voltar para passear, sim, para rever... Mas só para isso. Não considero o ato de minha naturalização simples formalidade jurídica. Conheço e respeito os limites do enraizamento. No resto, considero-me brasileiro. *J’y suis, j’y reste* [aqui estou, aqui vou ficar].

E aqui ficou. O tenebroso passado histórico da Europa, porém, retornaria até ele para, novamente, assombrá-lo.

O reencontro com as cinzas da Europa

Enquanto os amigos brasileiros de Carpeaux lutavam para que ele conseguisse a cidadania brasileira, as garras do nazismo continuavam a passos largos destruindo todo e qualquer resquício das vidas daqueles que, perseguidos, já haviam abandonado o continente. No dia 28 de fevereiro de 1942, na Áustria dominada pelo Terceiro Reich, Otto Karpfen

era destituído de seu título de doutor na Universidade de Viena. Como judeu, era considerado “indigno de um grau acadêmico de uma universidade alemã”.^A Mas não seria só isso. Na busca por iluminar ao menos alguns dos espaços debaixo do manto de silêncio lançado por Carpeaux sobre seu passado na Europa, a pesquisa conduziu-nos por caminhos que em parte contradiziam um ponto fundamental no que diz respeito às raízes do jornalista e que era reiterado em vários escritos sobre sua vida: a de que era filho de pai judeu e mãe católica. Os documentos que iam surgindo, oriundos de vários arquivos na Áustria e em Israel, não somente refutam essa afirmação – ambos os pais eram, na verdade, judeus –, como também revelam um desfecho trágico.

O ano desse desfecho foi o mesmo ano de 1942 ao qual nos referimos no parágrafo anterior; historicamente associado à notória reunião mantida por oficiais nazistas em uma residência à beira do Lago Wannsee, em Berlim, cujo propósito era discutir e coordenar a “Solução Final do Problema Judaico”. Tal como foi gestada nas mentes da cúpula nazista, essa “solução” traduzia-se na decisão de aniquilar a totalidade do povo judeu. Muito embora o extermínio já viesse ocorrendo, a cargo de esquadrões móveis de fuzilamento, fundamentalmente após a invasão da União Soviética em junho de 1941. Tal como revelado nas minutas dessa reunião em Wannsee, além das discussões que giraram em torno de métodos mais “eficazes” de extermínio, os representantes das várias agências do Reich ali reunidas deliberaram de maneira quase interminável sobre definições a respeito de quem deveria ser ou não considerado judeu –

A- “[...] *eines akademischen Grades einer deutschen Hochschule unwürdig*”, in: *Gedenbuch für die Opfer des Nationalsozialismus and der Universität Wien 1938* [Livro Memorial para as Vítimas do Nacional-socialismo na Universidade de Viena, 1938]. Disponível em: <http://gedenkbuch.univie.ac.at/index.php?id=435&no_cache=1&L=2&person_single_id=40309&person_name=&person_geburtstag_tag=not_selected&person_geburtstag_monat=not_selected&person_geburtstag_jahr=not_selected&person_fakultaet>. Acesso em: 20 abr. 2017.

embora tudo em conformidade com os termos raciais decretados por eles mesmos, já em 1935, por meio das leis de Nuremberg.

Ainda em 1942, aqui no Brasil, no dia 12 abril, Carpeaux – obviamente sem saber nada a respeito de nenhuma reunião de cúpula nazista e muito menos sobre o conteúdo de suas discussões – apresentava, em artigo publicado no *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro, uma profunda análise sobre o racismo alemão que intitulou “A religião da raça”, em que afirmava: “A erudição máxima e a ‘literatura’ habilíssima mostram-se incapazes de explicar o segredo da teoria racista: durante séculos, era um capricho de esquisitões e de repente adquiriu a força duma nova religião, insensível aos argumentos dos sábios e aos risos dos folhetinistas”. Usando a inesgotável força intelectual que lhe era característica, Carpeaux conduzia o leitor pelos caminhos de diversos pensadores buscando demonstrar a evolução de ideias afins. Assim, iniciou descrevendo o pensamento de Tácito na Antiguidade, passou por Gobineau, na França, visitou o círculo de Bayreuth na Alemanha e ainda nesse país chegou a Alfred Rosenberg. Após essa jornada, no entanto, Carpeaux perguntava a si mesmo: “*qu’est-ce que cela prouve?*” [o que isso prova?]. Sua resposta: “Nada, nessa explicação histórica, explica o acento religioso do neo-racismo alemão, o fanatismo, a intolerância inquisitorial, o entusiasmo de cruzada”.

No entanto, embora possamos concordar que os elementos que relacionou em seu artigo sejam intrinsecamente inexplicáveis, foram exatamente esse fanatismo, essa intolerância, esse entusiasmo de cruzada que obrigaram Carpeaux – assim como tantos outros – a fugir de sua Viena natal em março de 1938, três dias depois do *Anschluss*. E foi essa mesma cruzada empreendida por um séquito de burocratas, soldados e brutamontes que, no momento em que Carpeaux escrevia o artigo, chegava ao apartamento da *Aloisgasse*, em Viena, onde residia Gisela Karpfen, mãe de Otto Maria Carpeaux. Por meio de documentos obtidos no *Dokumentationsarchiv des österreichischen Widerstandes* [Arquivo de Documentação da Resistência Austríaca], no *Österreichisches Staatsarchiv* [Arquivo Estatal Austríaco], ambos em Viena, e no Memorial Yad Vashem em Jerusalém, Israel, chegamos ao que provavelmente constituiu o cerne – ou intuímos, ao menos, um dos pontos fundamentais – do silêncio do autor austríaco.

Otto Maria (Karpfen) Carpeaux

Filha do casal Hermann e Natalie Schmelz, Gisela nasceu em Cracóvia, na Polônia, no dia 24 de abril de 1880. Em 21 de maio de 1899, aos 19 anos, casou-se em Viena com o advogado Max Karpfen, dez anos mais velho e, no ano seguinte, em 29 de março, dava à luz seu filho único, Otto. O Dr. Max Karpfen, que viu de perto os horrores da Primeira Guerra Mundial, não chegou a presenciar a barbárie dos praticantes daquilo que seu filho, décadas mais tarde, chamaria “a religião da raça”, uma vez que falecera em novembro de 1931. Mas para Gisela Karpfen foi diferente. Poucos meses após a anexação da Áustria pela Alemanha – tal como ocorreu com a totalidade dos judeus austríacos naquele momento –, vários documentos atestam o início de um minucioso levantamento e registro, por parte das autoridades nazistas, de todos seus bens, incluindo a pensão que recebia de seu esposo, suas contas em bancos, propriedades e objetos pessoais.^A Como era também norma do novo governo, seu nome passou a ser Gisela Sara Karpfen.^B Um processo que se estendeu por anos.

Em abril de 1942, porém, aos 62 anos de idade, Gisela foi convocada pelas autoridades nazistas a apresentar-se no prédio de uma escola judaica localizada na *Kleine Spertlgasse*, a alguns minutos de seu endereço, local que servia como “ponto de coleta”, ou *Sammellager*. Ali, judeus de toda a cidade de Viena chegavam a esperar dias por um procedimento de registro obrigatório; foi ali também que Gisela – tal como era disposto – foi obrigada a entregar todos seus valores e transferir todo o seu patrimônio para o *Reich*. A espera de Gisela Karpfen nesse local durou até o dia 27 do mesmo mês, quando ela e mais 997 judeus vienenses foram conduzidos

A- O primeiro formulário oficial intitulado “Verzeichnis über das Vermögen von Juden” [Lista Patrimonial dos Judeus] assinado por Gisela Karpfen ao qual tivemos acesso data de 27 de junho de 1938. Em outro documento de 14 de junho de 1939, a lista inclui, entre os objetos, joias, facas de prata e xícaras. Fonte: Österreichisches Staatsarchiv.

B- Por meio de uma lei que já havia sido aplicada aos judeus alemães, todas as mulheres tiveram “Sara” acrescentado a seu nome; no caso dos homens, “Israel”. Essa alteração foi acrescentada a todas as certidões de nascimento de judeus do *Reich* e revogada somente após o fim da guerra. Em alguns documentos de Gisela em que consta o nome de seu filho, também aparece Otto Israel Karpfen.

à praça localizada em frente à *Aspangbahnhof* – estação de trem da cidade – onde deveriam aguardar a partida “para o Leste” – um dos eufemismos usados pelo Terceiro Reich – para onde todos seriam “deportados” – outro eufemismo. O destino desse transporte, ao qual os burocratas de Adolf Eichmann atribuíram o número 18, era a princípio a cidade de Izbica, na Polônia, como mostra o carimbo na lista de deportação. No entanto, o trem acabou sendo conduzido para a cidade – também polonesa – de Włodawa, distrito de Lublin, distante a apenas sete quilômetros do campo de extermínio de Sobibor. Os trâmites para o “carregamento” do Transporte 18 estenderam-se o dia inteiro. Somente às 19h11 daquele dia 27 de abril, o trem que levava Gisela partiu da estação Aspang. Após 52 horas de viagem – portanto já na noite do dia 29 –, o grupo chegou à estação de Włodawa de onde foram conduzidos a pé em direção ao gueto da cidade, a seis quilômetros de distância, escoltados por 15 homens armados da *Schutzpolizei* [Polícia de Proteção] que estiveram a cargo do transporte por todo o trajeto. O grupo de deportados, que em mais de um terço era composto por pessoas que, como Gisela, tinham mais de 60 anos de idade, chegou ao local determinado às 6 horas do dia 30 de abril. A partir desse ponto, a documentação disponível não permite determinar ao certo o destino final de Gisela: se foi no campo de extermínio de Sobibor ou no de Belzec – onde parte dos milhares de judeus do gueto de Włodawa foi assassinada – ou ainda se foi durante alguma das *Aktions* levadas a cabo pelos nazistas e colaboradores na própria cidade. Sabemos, no entanto, que dentre os 998 judeus do Transporte 18,

A- “Abgangsliste des 18. Transportes.”
Fontes: DÖW. *Dokumentationsarchiv des österreichischen Widerstandes* [Centro de Documentação da Resistência Austríaca] disponível em: <www.doew.at>, acesso em: 10 maio 2017. Arquivos do Memorial Yad Vashem, Jerusalém, Israel, disponível em: <www.yadvashem.org>, acesso em: 31 jul. 2017 A descrição sobre a jornada do Transporte 18 está detalhada no documento “Erfahrungsbericht über durchgeführten Judentransport” [“Relatório sobre a condução de transporte de judeus”], referente ao território da Polónia, produzido pelo chefe de polícia de Viena no dia 4 de maio de 1942. Fontes: DÖW. *Dokumentationsarchiv des österreichischen Widerstandes* e Arquivos do Memorial Yad Vashem. Israel.

somente três homens que haviam sido selecionados para trabalhos forçados sobreviveram.^A

Após a guerra, uma instituição austríaca pertencente à comunidade judaica em Viena encarregada de localizar sobreviventes do Holocausto e familiares das vítimas, a *Israelitische Kultusgemeinde*, encaminhou uma carta a Otto Maria Karpfen no Rio de Janeiro informando: “A Sra. Gisela Karpfen foi deportada no dia 27 de abril de 1942 para Izbica e de lá não retornou”.^A Embora a documentação disponível não permita determinar o momento exato em que Otto Maria Carpeaux recebeu essa carta, é possível vislumbrar o porquê do profundo silêncio que, durante sua vida no Brasil, ele guardou sobre o passado daquele Otto Karpfen cujas raízes estavam em Viena, mas que foram definitivamente cortadas em terras polonesas. Quanto ao resto, tal como ele expressou em seu artigo de abril de 1942, certamente, nada explica.

Em 3 de fevereiro de 1978, Otto Maria Carpeaux faleceu no Rio de Janeiro, terra que o adotou e que ele mesmo adotou como sua.

A- Informação extraída de carta escrita e enviada pelo próprio Otto Maria [Karpfen] no dia 2 de abril de 1964 ao Sr. Günther Menacher, encarregado do fundo para a compensação das perdas patrimoniais de perseguidos políticos [Fonds zur Abgeltung von Vermögensverlusten politisch Verfolgter], Österreichische Länderbank. Fonte: Österreichisches Staatsarchiv [Arquivo Estatal Austríaco].



Otto Maria Carpeaux representado pelo artista gráfico Álvaro Cotrim, s. l, s. d.

Disponível em: <www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=977>.

Acesso em: 24 abr. 2017.